

PROFLETRAS-UFS

CADERNO PEDAGÓGICO

JOYCE DOS SANTOS LIMA
Autora

VANESSA GONZAGA NUNES
Orientadora

AH! AMADA AMANDA!

A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA COMO SUBSÍDIO PARA TRABALHAR
O APAGAMENTO DA CONSOANTE NASAL EM POSIÇÃO DE
CODA SILÁBICA

SÃO CRISTÓVÃO/SE

2020





Caro professor,

Este caderno pedagógico, contém dicas, sugestões e algumas considerações acerca de alfabetização, letramento e parte do processo que envolve a aquisição da linguagem escrita por crianças das séries iniciais. Desenvolvido a partir do Mestrado profissional em letras em rede (PROFLETRAS) e com o objetivo de subsidiar o trabalho do professor alfabetizador no que diz respeito ao apagamento da consoante nasal em posição de coda silábica, este material, apresenta uma proposta didática que visa o desenvolvimento da habilidade de consciência fonológica de forma lúdica, a fim de tornar a escolarização nessa etapa do desenvolvimento prazerosa.

O trabalho apresentado foi desenvolvido com 13 crianças do 1º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Dom Pedro II, no povoado Pedra Branca no município de Laranjeiras, interior sergipano. A partir de uma atividade denominada ditado visual encontramos uma alta incidência de apagamentos das consoantes M e N em final de sílaba. De início aplicamos essa atividade na série mencionada e logo ampliamos a investigação para as séries posteriores (5º ao 9º). Para nossa surpresa encontramos o mesmo fenômeno nas produções destas séries. Desse modo, resolvemos aplicar uma atividade de intervenção que sanasse ou ao menos diminuísse esses erros. Foi então que surgiu a ideia da produção de um livro infantil que servisse de apoio para uma série de atividades a exemplo do jogo Trilhado, trilhando.

Acreditamos que um trabalho de consciência fonológica atrelado à prática docente nas séries iniciais facilite a aquisição da linguagem escrita e é com esse propósito que esperamos que você, caro professor, faça bom uso desse material.

Um bom trabalho imerso no fantástico mundo da nasalidade!

Forte abraço.

SUMÁRIO

1 ERA UMA VEZ O BEABÁ.....	4
2 REINAÇÕES DE NASALZINHO.....	7
3 AMANDA NO PAÍS DOS SONS: EXPLORANDO E ORGANIZANDO UMA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES.....	10
4 AH! AMADA AMANDA.....	11
5 NA TRILHA DO TRILHADO, TRILHANDO.....	14
6 ERA UMA CASA MUITO ENGRAÇADA.....	18
7 E FORAM FELIZES PARA SEMPRE	19
REFERÊNCIAS.....	20

1. ERA UMA VEZ O BEABÁ

Querido professor,

Responda rápido. Quantas vogais existem no português brasileiro? Por que é tão comum os alunos escreverem “pagano”, “peixe” e “estuda” para pagando, peixe e estudar, respectivamente? Quantos fonemas tem as palavras cato e canto e como isso implica no processo de letramento?

Se você respondeu 5 para a primeira questão, é sinal que devemos repensar a forma como estamos apresentando os grafemas aos alunos. Saiba que as frases “eu tenho sede” e “a sede é aqui” possuem palavras iguais, mas com significados distintos e que os alunos precisam ser chamados a atenção para esse tipo de diferença. O que estamos propondo aqui é o caminho do aprendizado reflexivo, a partir da realidade dos nossos alunos que no início da escolarização tendem a grafar conforme realizam na fala. Isso porque estamos em um processo de letramento e devemos levar em consideração questões linguísticas, sociais, psicológicas, cognitivas, etc.

VOCÊ SABIA?

No PB temos cerca de 12 vogais sendo 7 orais e 5 nasais, mas insistimos em dizer aos alunos que temos apenas 5, esquecendo de apresentar a distinção entre estas. Um outro ponto a ser considerado é o trabalho inicial com consoantes biunívocas. Por consoantes biunívocas entende-se aquelas que apresentam um único som para cada fonema. No PB temos apenas 6 e são elas: p, b, t, d, f, v.

Nesse sentido, entendemos que alfabetizar é um dos grandes desafios da educação brasileira e essa responsabilidade aumenta quando queremos não apenas alfabetizar, mas alfabetizar e letrar. Vivemos em um mundo dotado de códigos e signos linguísticos e a educação contemporânea exige que sejamos capazes de compreender esses códigos para que façamos bom uso na sociedade.

Atualmente a legislação brasileira propõe que as crianças brasileiras estejam alfabetizadas até o final do segundo ano do ensino fundamental, o que ocorre por volta dos 8 anos de idade. Mas afinal o que é alfabetização? Alfabetização e letramento são sinônimos? Respondemos a essas e outras questões de forma sucinta para adentrarmos em como os nossos alunos estão sendo alfabetizados e como encaramos os “erros” no início da aquisição da linguagem escrita. Um ponto é consenso entre especialistas na área: os professores alfabetizadores devem receber se não na graduação, ao menos em formação continuada, conhecimentos linguísticos para entender, subsidiar as suas práticas docentes e se adequar às novas exigências educacionais propostas nos documentos norteadores.

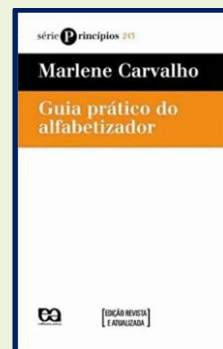
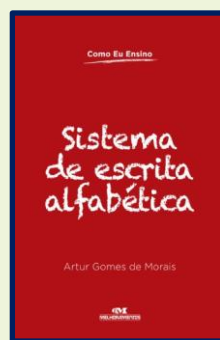
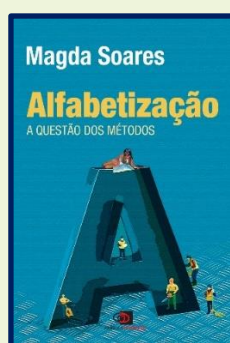
O mais amplo sentido de alfabetização diz respeito a capacidade de codificar e decodificar o signo linguístico, já o letramento segundo Soares (1998, p.39) é o resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita. Dessa forma, o cidadão pode estar alfabetizado, mas não letrado. Pois bem, a educação brasileira passou por uma série de mudanças principalmente ao que concerne a alfabetização. Passamos pela democratização da educação pública, por métodos de ensino até chegar a discussão atual que é a alfabetização com enfoque na neurociência, dando ênfase a consciência fonológica que é capacidade de manipulação dos sons da língua. Os mais conhecidos métodos de alfabetização são os **sintéticos** (fônico, silábico) e os **analíticos** (palavração, sentencição, global de contos/textos.). Este, parte do todo para a unidade mínima do texto e aquele parte da letra para o todo.

PARA SABER +

Você sabia que alfabetizar priorizando a consciência fonológica é diferente de aplicar o método fônico?

Acesse o link <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/conteudo/o/45447> e descubra a diferença.

SUGESTÃO DE LEITURA



A consciência fonológica divide-se em três níveis: fonêmica (divisão das palavras em fonemas individuais) silábica (divisão das palavras em sílabas) e intrassilábica (rima e aliteração). Mesmo antes de ingressar na escola ou mesmo na educação infantil, algumas habilidades já devem ser desenvolvidas na criança. A exemplo das cantigas de roda, parlendas, trava-línguas, dos textos de tradição oral, que em geral, são ótimos exercícios para fazer marcação de rimas através da sonoridade das palavras. Veja:

“FUI AO MERCADO COMPRAR **CAFÉ**

VEIO A FORMIGUINHA E SUBIU NO MEU **PÉ**”

Domínio público



Também devemos destacar uma importante contribuição para a educação no que diz respeito à escrita, que foram os estudos de Emília Ferreiro em relação a classificação dos níveis de escrita, o que levou nós professores a entendermos que a escrita é um processo e que as sequências devem ser respeitadas. Dessa forma, uma maneira de identificarmos o nível de escrita em que esse aluno se encontra é trabalhar com atividades de escrita espontânea. Nessas atividades também

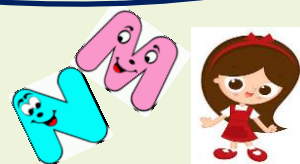
podemos pontuar alguns processos fonológicos que são mais recorrentes e que influenciam nesse início da aquisição da linguagem escrita.

Segundo Stampe (1973: 1), um processo fonológico é uma operação mental que se aplica à fala para substituir, no lugar de uma classe de sons ou de uma sequência de sons que apresentam uma dificuldade específica comum para a capacidade de fala do indivíduo, uma classe alternativa idêntica, porém desprovida da propriedade difícil. Logo, entende-se que são modificações que emergem na fala e que modificam a representação subjacente. No geral, as alterações ocorrem por uma acomodação linguística, ou seja, para facilitar produção de um som, de uma palavra. É o caso da monontagação (dinhero ~ dinheiro) ou de apagamentos de várias ordens (falando ~ falano). Nós professores encaramos esses processos como “erros” e os corrigimos gramaticalmente sem tentar entender o porquê desse acontecido e sem fazer uma reflexão acerca do problema. Para que haja uma reflexão sobre esses fenômenos é necessário que o professor alfabetizador tenha um certo conhecimento linguístico que vai conferir a ele autonomia para lidar com tal situação. A parte da ciência que trata desse conhecimento é a fonética e a fonologia. Esta se ocupa das propriedades físicas dos sons da fala, já aquela se preocupa com o plano abstrato desse som.

O QUE É MESMO UMA SÍLABA?

Segundo Bisol (1999) a sílaba é composta por ataque (ou onset), núcleo e coda. A palavra “posto”, por exemplo é composta por duas sílabas. A primeira “pos”, tem ataque [p], núcleo [o] e coda [s] preenchidos. Já a segunda sílaba “to” tem apenas ataque [t] e núcleo [e] preenchidos. A posição de núcleo é a única posição que será obrigatoriamente preenchida, as demais não. O nosso trabalho trata da omissão de “n” e “m” em posição de coda na escrita. Para entendermos melhor esse fenômeno vejamos a próxima seção.

2. REINACÇÕES DE NASALZINHO



Você já se perguntou porque tem aluno que escreve “mudo” para “mundo” e “seta” para “senta”?

O padrão silábico que comumente adotamos no início da escolarização é o canônico (sílabas simples) formada por C+V. Os outros padrões silábicos são apresentados apenas no final do ano letivo ou na série seguinte quando espera-se que o aluno já tenha internalizado o padrão canônico. Eis então, a hipótese sobre a dificuldade de marcação da consoante nasal (N, M) em posição de coda silábica. Somado a isso, quando o aluno soletra mentalmente a sílaba a ser escrita, essas consoantes não emergem de maneira independente e explícita. Para a soletração de “santo”, por exemplo, a primeira vista, o que tem-se é realmente uma sílaba [sã] e outra [to] e, conseqüentemente, a palavra é grafada com CV. CV.

MAS O QUE É NASALIDADE?

De acordo com Cristófar-Silva (2011), a nasalidade diz respeito a um modo ou maneira de articulação de consoantes ou vogais, em que ocorre a passagem da corrente de ar pela cavidade nasal. Encontramos estudos acerca de duas teorias que concorrem entre si a respeito da nasalidade: a *bifonêmica* e a *monofonêmica*. Não entraremos no mérito da questão, mas sugerimos uma leitura posterior para um maior aprofundamento.

PARA SABER +

Você sabe a diferença entre a teoria mono e bifonêmica? Acesse <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/download/13068/12191> e fique por dentro!

Em uma atividade realizada com 13 alunos do 1º ano do ensino fundamental detectamos alto índice de apagamento desta ordem. Apresentamos como atividade um ditado visual que consiste em o aluno escrever o nome das imagens apresentadas. Fizemos dessa forma para que não houvesse influência da

fala do professor nesse sentido porque nós professores tendemos sempre a enfatizar o que queremos que nosso aluno não erre.

Vejamos:

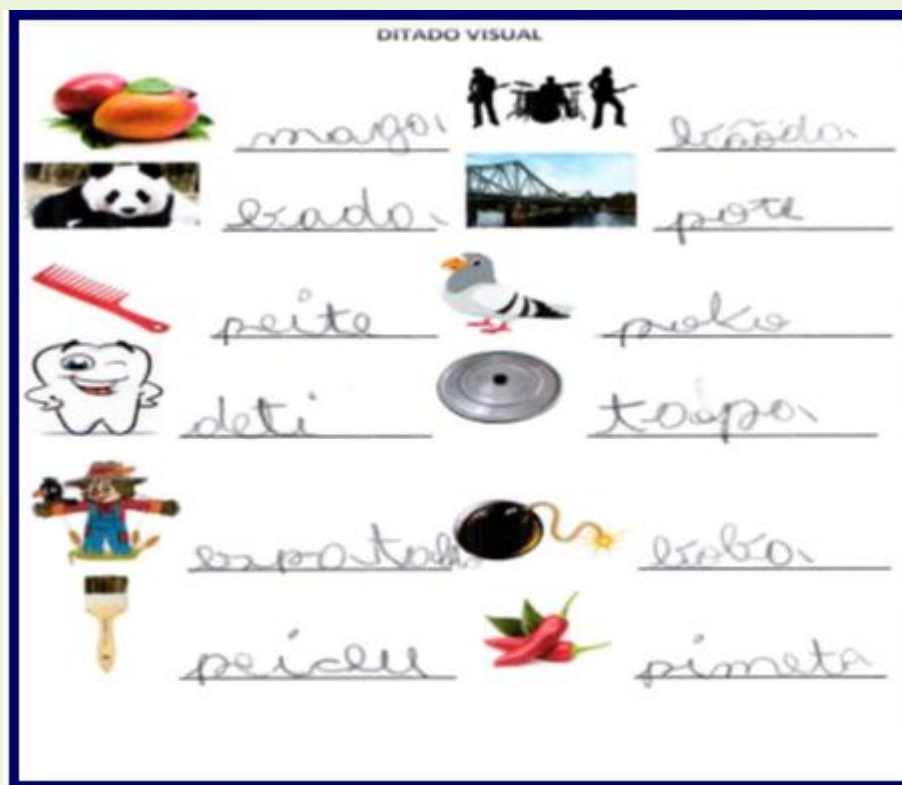


Figura 1: Imagem do ditado visual

O grande número de crianças que suprimiram a consoante nasal na escrita das palavras, motivou nossa reflexão e o desejo de produzir um material de suporte pedagógico que contemplasse esse fenômeno que os materiais existentes nas escolas não contemplam. Assim nasceu essa sequência de atividades que será detalhada a partir de agora. Espero que contribua com sua prática pedagógica e o motive a repensar como encaramos “os erros” dos nossos alunos.

3. AMANDA NO PAÍS DOS SONS: EXPLORANDO E ORGANIZANDO UMA SEQUÊNCIA DE ATIVIDADES

Explorar os sons é um trabalho que deve ter início mesmo antes do ingresso no mundo letrado. Já no ambiente escolar, os documentos oficiais sinalizam para um trabalho efetivo da exploração da linguagem oral e verbal nas classes de alfabetização. Desse modo, pensamos em uma sequência de atividades que por ser voltada ao público infantil, certamente teria que ser lúdica e dinâmica, mas que houvesse a possibilidade de adaptação para as séries seguintes. Surgiu então a ideia da contação de história atrelada a uma prática voltada para a consoante nasal no fim de sílaba. Através da literatura infantil é possível trabalhar rimas, aliterações e desenvolver uma série de atividades com vistas a manipulação dos sons. Dividimos então em 2 momentos: o primeiro voltado para a confecção do livro que culminaria com a contação de história e o outro momento que seria voltado para um jogo de trilha.

SUGESTÃO AO PROFESSOR

Caro colega,

Sugerimos que antes da aplicação da SD seja apresentada as consoantes nasais N e M em posição de coda para que as crianças possam contribuir de forma mais intensa na sequência apresentada. Feito isso dividida sua sequência didática em 2 momentos conforme sugerido anteriormente. Lembrando que para o primeiro momento utilizamos 3 aulas de 50 minutos cada e para o segundo momento duas aulas de também 50 minutos.

DICA ➡ Se possível, utilize aulas geminadas para a aplicação da sequência.



4. AH! AMADA AMANDA

PASSO 1: CONSTRUÇÃO DO LIVRO INFANTIL E CONTAÇÃO DE HISTÓRIA

O primeiro momento consiste na contação de história do livro **Ah! Amada Amanda**, fazendo uso da saia literária para chamar a atenção dos alunos. Se preferir pode criar um texto coletivo – principalmente se seus alunos já estiverem letrados - e pedir ainda que os alunos ilustrem. Caso isso aconteça, faça um dia do autógrafo convidando os pais e toda a comunidade escolar para participar desse momento ímpar na vida dos estudantes. Observe na figura 4 a imagem do dia do autógrafo que fizemos na nossa escola.

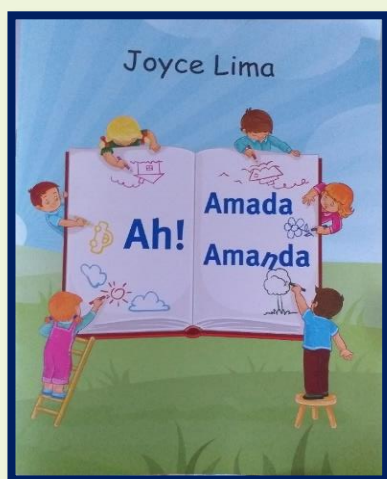


Figura 2: Capa do livro



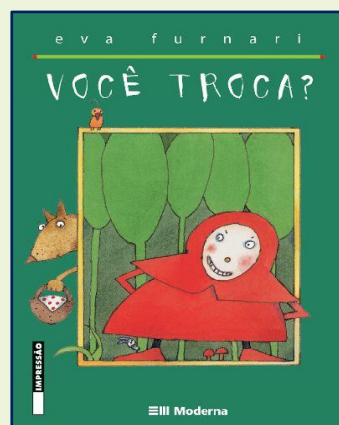
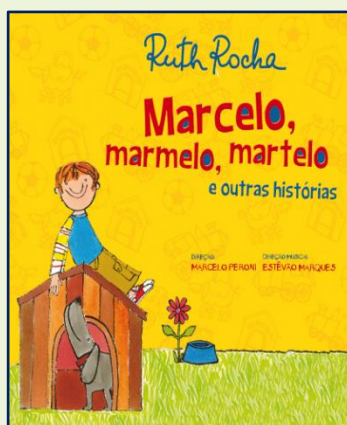
Figur 3: Trecho do livro



Figura 4: Dia do autógrafo

Se desejar utilizar livros disponíveis na sala de leitura da escola, ou do acervo pessoal, temos algumas sugestões de literatura infantil que aborda a consciência fonológica nos mais diversos níveis de forma bem divertida:

SUGESTÃO DE LEITURA



DICAS PARA CONTAR HISTÓRIA

- Você deve gostar de contar histórias e se envolver com a mesma.
- Imagine cada cena da história, não tenha medo de usar sua criatividade, não fique se preocupando com que os adultos vão pensar.
- Organize-se de forma antecipada com materiais e recursos visuais.
- Não conte história de forma estática e monótona, isto com certeza, vai dispersar as crianças e te gerar frustração.
- Olhe nos olhos de cada criança enquanto conta e observe as reações delas durante a história.
- Entre no mundo da fantasia da criança, exercite isto! As crianças percebem a forma que o adulto conta a história e se elas gostarem certamente vão te pedir constantemente para contar mais!

Fonte: <https://sites.google.com/view/tecnicasdecontacaodehistorias/> Acesso em 22/11/2019

VOCÊ SABIA?

Existem vários recursos visuais para contar histórias. Além da saia literária também podemos utilizar para prender a atenção dos alunos o avental literário, fantoches com cenário, tapete de histórias, caixa cenário, além do próprio livro. Que tal experimentar algum destes e deixar a imaginação fluir?



Figura 5: Professora com a saia literária

5. NA TRILHA DO TRILHADO. TRILHANDO

O jogo intitulado “**Trilhado, trilhando**” é uma adaptação de um jogo tradicional chamado “Trilha” e tem por objetivo trabalhar o valor distintivo existente entre palavras que tenham vogais orais e vogais nasais como pares mínimos e com isso diminuir os casos de omissão de consoante nasal em posição de coda silábica na escrita de alunos de séries iniciais do ensino fundamental. Nesse sentido, pretende chamar atenção, de forma lúdica, para as relações existentes entre a fala e a escrita. A seguir detalharemos como você pode aplicá-lo em sua turma.

PASSO 2: APLICAÇÃO DO JOGO TRILHADO TRILHANDO

Para aplicar o jogo posicione a trilha em formato de N no centro da sala ou do pátio caso sua escola disponha desse espaço. Em seguida afixe o cartaz para escrita das palavras na parede. Deixe próximo a ele pincel para quadro branco e apagador. É importante também deixar em cima de uma carteira, bem visível as figuras que serão utilizadas no reconhecimento pelos discentes.

Divida a sala em 3 grupos de até 10 crianças. Distribua entre eles um cone de cores diferentes (utilizei um amarelo, azul e vermelho) e um colar confeccionado em EVA na mesma cor do cone para identificação dos integrantes de cada equipe.



Figura 6: Imagem da trilha, dado e cones



Figura 7: Imagem das figuras



Figura 8: Imagem do cartaz e canetinha

Passada a fase de organização de participantes e do local, agora podemos explicar as regras do jogo. Faça as seguintes observações: cada equipe joga um dado um de cada vez. O número corresponde que saiu no dado será percorrido na trilha. Ao chegar na palavra o aluno deverá ler e em seguida procurar a figura correspondente ao que foi lido. Identificado a gravura, o aluno deve dirigir-se ao cartaz afixado na parede e procurar a figura que ele está na mão, encontrando-a ele deve escrever o nome desta colocando uma letra em cada quadrinho, caso erre ele tem a possibilidade de apagar e reescrever. Se o aluno tiver em dúvida quanto a escrita pode pedir ajuda aos demais integrantes da equipe bem como consultar a palavra escrita na trilha.

Feito isso, a equipe adversária fará esse mesmo percurso até que acabem as palavras e seja declarado uma equipe vencedora.

É importante ressaltar, que se o dado for jogado e a palavra a ser lida já tenha sido lida anteriormente, a equipe pode optar por ler o segmento anterior ou posterior.

Declarada uma equipe campeã, podemos partir para o **Troca Mágica** que consiste na manipulação de letras (envelope com alfabeto móvel) para formação de novas palavras mudando a posição da consoante nasal na sílaba.

Lembramos que cada equipe deve receber um envelope de cor diferente, neste haverá apenas uma palavra com a possibilidade de manipulação para a formação de outra palavra. As letras encontram-se embaralhadas e deverá ser colocada em ordem e, com o auxílio da professora o aluno perceberá que a depender da posição da nasal na palavra, ela obterá um significado distinto, como é o caso das letras que formam “nada” ou “anda” e “nata” ou “anta”.



Figura 9: Imagem do Troca Mágica

Para premiar a equipe campeã você poderá usar uma medalha (que pode ser de cartolina, tampa de lata ou de conserva), um livro de histórias que vai ficar na sala deles ou que será itinerante, balas ou outros incentivos que sua criatividade lhe proporcionar.

SUGESTÃO AO PROFESSOR

Se quiser incrementar a sequência sugerimos a aplicação de atividades de escrita espontânea, bem como aquelas com estrutura semelhante a de palavras cruzadas. Desse modo, o aluno tem a possibilidade de reflexão e o professor objetos comparativos para a busca de melhores resultados no processo de alfabetização.

Para facilitar o trabalho, apresentamos um quadro síntese com a organização da sequência de atividades.

ORGANIZAÇÃO DAS ATIVIDADES DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA			
Atividade	Recursos	Tempo	Objetivo
Confecção do livro	Papel A4, impressora, lápis de cor, lápis grafite.	1 aula	Criar juntamente com os alunos uma história que contemple o fenômeno em questão.
Contação de história do livro infantil “Ah! Amada Amanda” e dia do autógrafo.	TNT, livro, E.V.A, lápis de cor.	2 aulas	Desenvolver a oralidade, promover a integração e instigar a imaginação, além de integrar e estreitar os laços entre família e escola.
Jogo “trilhado, trilhando” e troca mágica	Dado, trilha, cartaz, canetinha, apagador, fita adesiva, A4	2 aulas	Potencializar o uso da consoante nasal em posição de coda silábica. Estimular a reflexão e tomada da consciência fonológica.

6. ERA UMA CASA MUITO ENGRAÇADA

NOSSA ESCOLA

Nossa escola está localizada no povoado Pedra Branca, no município de Laranjeiras, interior sergipano. O prédio foi construído no ano de 1975 e até hoje desenvolve serviços na área de alfabetização até o 9º ano, naquela região.

A instituição está sediada em uma comunidade de grande vulnerabilidade social, e atende a um público que são moradores das proximidades, não necessitando de transporte escolar para chegar às aulas. Nela, são desenvolvidos vários projetos em parceria com a Secretaria Municipal de Educação e algumas empresas.



Figura 10: Fachada da Escola Municipal Dom Pedro II

NOSSA TURMA

A turma alvo do projeto é composta por 20 alunos oriundos da educação infantil da própria escola. São crianças de aproximadamente 7 anos de idade e apesar de níveis diferentes de letramento, não se encontram em distorção idade-

série, uma vez que a escola adota o sistema de progressão automática até o 3º ano do ensino fundamental. Destes 20, apenas 13 participaram ativamente da pesquisa por apresentarem um nível de escrita que permitisse a aplicação dos testes de entrada e saída.



Figura 11: Turma do 1º ano do ensino fundamental, participante da pesquisa.

7. E FORAM FELIZES PARA SEMPRE

Percebemos que a apresentação de conteúdo atrelada a uma prática docente lúdica favorece o desempenho do aluno, ajudando-os na construção do aprendizado de forma significativa.

Devemos olhar para nosso aluno e percebermos a comunidade em que ele está inserido, respeitando suas características e apresentando um mundo que talvez só a escola possa lhe proporcionar. Isto significa que devemos pensar além do que está posto e ressignificar nossas práticas.

Esse olhar mais atento, mais cauteloso, fará com que pensemos sobre como encaramos os “erros” dos nossos alunos, seja no caso da supressão da consoante nasal, da palatização, da hiper e hipossegmentação, isto para citar os fenômenos mais recorrentes nas séries iniciais ou nas questões ortográficas que vão além da alfabetização.

Na nossa turma tivemos uma importante redução no número de supressões (de 79% da atividade diagnóstico para 20% no teste de saída), o que implica dizer que, devemos criar alternativas, por mais simplórias que estas sejam, visando sempre potencializar a aprendizagem dos nossos estudantes.

Reiteramos a importância do professor manter-se atualizado e buscar conhecimentos visando seu aprimoramento profissional para um melhor trato com questões linguísticas.

Espero que faça bom uso da sequência!

Um forte abraço.



REFERÊNCIAS

BISOL, LEDA (org.) **Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro**. 2ª Edição revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. **Dicionário de Fonética e Fonologia**. São Paulo: Contexto, 2011.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

_____. **Alfabetização: a questão dos métodos**. 1. Ed., 1ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2017.

STAMPE, David. **A dissertation on natural phonology**. Tese de doutorado, Universidade de Chicago, EUA, 1973.

